



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO SANTO PADRE AO BRASIL

(30 DE JUNHO - 12 DE JULHO DE 1980)

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II DURANTE O ENCONTRO COM OS TRABALHADORES EM SÃO PAULO

São Paulo, 3 de Julho de 1980

Caros irmãos e irmãs em Cristo

1. Sinto-me muito feliz e honrado por me achar entre vocês hoje em São Paulo. Feliz por descobrir a cidade de vocês, esta imensa metrópole de incrível desenvolvimento industrial, na qual um incrível crescimento industrial caminha de mãos dadas com uma urbanização acelerada ao mesmo tempo fascinante e preocupante. Feliz principalmente porque descubro a cidade através das pessoas, através de vocês, homens e mulheres, que aqui trabalham, sofrem e esperam. Vocês chegaram aqui vindos de todos os cantos deste imenso país e do mundo inteiro. Vieram para ganhar a vida e para colaborar na grande obra comum, vital para toda a Nação: a construção de uma cidade digna do homem! Sim, porque São Paulo são vocês! São Paulo, não são antes de tudo estas realizações materiais, nem sempre orientadas por um sentido justo e pleno do homem e da sociedade e nem sempre capazes de organizar um ambiente onde se possa levar uma vida digna do homem. São Paulo são também os numerosíssimos marginalizados, os desempregados, os subempregados, os mal empregados, que não encontram onde empenhar os seus braços e onde desenvolver os generosos recursos de suas inteligências e de seus corações. São Paulo são vocês, aqui reunidos para celebrar sua dignidade de trabalhadores e manifestar a disposição de construir juntos uma cidade do tamanho de suas esperanças de homens. São Paulo, são vocês aqui reunidos para buscar no Evangelho de Jesus Cristo as luzes e as energias necessárias para realizar a tarefa que os espera: transformar São Paulo numa cidade plenamente inumana.

2. Sim, quem nos reúne aqui é Jesus Cristo, o Senhor do universo e da história. Em seu nome o Papa os visita hoje. Trabalhadores, meus irmãos e irmãs, dou graças a Deus por me ter concedido estar com vocês. E agradeço a vocês a alegria profunda que causa este encontro a este ministro de Jesus Cristo que nos anos da juventude, na sua Polónia natal, conheceu diretamente a condição de trabalhador manual com a grandeza e a dureza, as horas de alegria e os momentos de angústia, as realizações e as frustrações que essa condição comporta. Do fundo do coração lhes digo o que apóstolo São Paulo dizia aos Romanos: “Sinto um grande desejo de vê-los, para lhes comunicar algum dom espiritual, para os confortar, ou antes, para ser confortado por vocês e junto de vocês pela fé que nos é comum, a mim e a vocês” (Rm 1,11-12). Por isso, eu os convido, trabalhadores cristãos, meus irmãos e irmãs, a começar por celebrar na alegria a amizade que Jesus nos oferece, a todos e a cada um: A Fé, a Esperança e a Caridade com que Jesus anima os nossos corações quando nos reunimos em seu nome, na sua Igreja que Ele instituiu para acolher os seus dons e os distribuir a todos. A festa cristã da alegria não é um luxo reservado aos ricos. Todo o mundo está convidado a tomar parte. No ano passado, os marginalizados de uma outra grande metrópole, Nova Iorque, cantaram comigo o “aleluia” da ressurreição. E ainda há pouco, a imensa África, a África da pobreza, deu ao Papa e ao mundo o espectáculo de uma festa inesquecível. E esta festa vem da convicção de que nós somos amados por Deus e de que Deus está conosco. Deus nos visita! O Reino de Deus está entre nós! Eis a fonte inesgotável da nossa alegria: saber que Deus nos ama e nos reconhece, saber que estamos livres do pecado, que fomos elevados à dignidade insuperável de filhos de Deus, ricos de Fé, de Esperança e de Amor que o Espírito Santo derrama nos nossos corações. Festejemos portanto nosso Deus e nosso Pai, Jesus Cristo nosso Senhor e nosso Irmão, o Espírito Santo que nos reúne! A opção pelos mais pobres, na qual a *Assembleia dos Bispos em Puebla* quis comprometer a Igreja na América Latina, é essencialmente essa: que os pobres sejam evangelizados, que a Igreja desdobre de novo todas as suas energias para que Jesus Cristo seja anunciado a todos, principalmente aos pobres, e que todos tenham acesso a esta fonte viva, à mesa da palavra e do pão, aos sacramentos, à comunidade dos batizados. Aí está o sentido desta nossa reunião de hoje, da nossa festa cristã. Sairemos daqui para a nossa tarefa de cidadãos e de trabalhadores com um novo entusiasmo; com uma consciência mais clara da nossa dignidade, dos nossos direitos, das nossas responsabilidades; com uma fé renovada nos recursos prodigiosos com que, criando-nos à sua imagem e semelhança, nos enriqueceu para podermos enfrentar os desafios do nosso tempo, os desafios desta metrópole que é São Paulo.

3. Falo-lhes em nome de Cristo, em nome da Igreja, da Igreja inteira. É Cristo que envia a sua Igreja a todos os homens e a todas as sociedades, com uma mensagem de salvação. Esta missão da Igreja realiza-se ao mesmo tempo em duas perspectivas: a perspectiva escatológica que considera o homem como um ser cuja destinação definitiva é Deus; e a perspectiva histórica que olha este mesmo homem em sua situação concreta, encarnado no mundo de hoje. Esta mensagem de salvação que a Igreja, em virtude de sua missão, fez chegar a cada homem e igualmente à família, aos diferentes âmbitos sociais, às nações e à humanidade inteira, é mensagem de amor e de fraternidade, mensagem de justiça e de solidariedade, em primeiro lugar

para os mais necessitados.

Numa palavra: é uma mensagem de paz e de justa ordem social. Quero repetir aqui, diante de vocês, o que disse aos trabalhadores em Saint-Denis, bairro operário de outra grande cidade, Paris: A partir das palavras tão profundas do “Magnificat”, eu quis considerar com eles que, “o mundo querido por Deus é um mundo de justiça; que a ordem que deve reger as relações entre os homens se alicerça na justiça; que esta ordem deve ser continuamente implantada no mundo, sempre de novo, à medida que aumentam e se desenvolvem as situações e os sistemas sociais, à medida que surgem novas condições e possibilidades económicas, novas possibilidades da técnica e da produção, e ao mesmo tempo novas possibilidades e necessidades de distribuição dos bens”(João Paulo II, *Homilia em “Saint-Denis”* 5, 31 de maio de 1980)

A Igreja, quando proclama o Evangelho, procura também obter, sem por isso abandonar o seu papel específico de evangelização, que todos os aspectos da vida social, onde se manifesta a injustiça, sofram uma transformação para a justiça. O bem comum da sociedade requer, como exigência fundamental, que a sociedade seja justa! A persistência da injustiça, a falsa de justiça, ameaça a existência da sociedade de dentro para fora, da mesma maneira que, tudo quanto atenta contra a sua soberania ou procura impor-lhe ideologias e modelos, toda chantagem económica e política, toda força das armas pode ameaçá-la de fora para dentro.

Esta ameaça a partir do interior existe realmente quando, no domínio da distribuição dos bens, se confia unicamente nas leis económicas do crescimento e do maior lucro; quando os resultados do progresso tocam apenas marginalmente, ou não tocam em absoluto, as vastas camadas da população; ela existe também, enquanto persiste um ateísmo profundo entre uma minoria muito grande de ricos de um lado, e a maioria dos que vivem na necessidade e na miséria, de outro lado.

4. O bem comum da sociedade, que será sempre o novo nome da justiça, não pode ser obtido pela violência, pois a violência destrói o que pretende criar, seja quando procura manter os privilégios de alguns, seja quando tenta impor as transformações necessárias. As modificações exigidas pela ordem social justa devem ser realizadas por uma ação constante – muitas vezes gradual e progressiva, mas sempre eficaz – no caminho de reformas pacíficas.

É este o dever de todos. É este particularmente, o dever dos que detêm o poder na sociedade, quer se trate do poder económico quer se trate do poder político. Todo poder encontra a sua justificação unicamente no bem comum, na realização de uma ordem social justa. Por conseguinte, o poder não deverá nunca servir para proteger os interesses de um grupo em detrimento dos outros. A luta de classes, por sua vez, também não é caminho que leve à ordem social, porque ela traz em si o risco de inverter as situações dos contendentes, criando novas situações de injustiça.

Nada se constrói sobre uma base de desamor, e, menos ainda, de ódio que vise a destruição de outrem.

Repelir a luta de classes é também optar resolutamente por uma nobre luta a favor da justiça social. Os diversos centros do poder e os diferentes representantes da sociedade devem ser capazes de se unir, de coordenar os próprios esforços e de chegar a um acordo sobre programas claros e eficazes. Nisto consiste a fórmula cristã para criar uma sociedade justa! A sociedade inteira deve ser solidária com todos os homens e, em primeiro lugar, com o homem que tem mais necessidade de auxílio, o pobre. A opção pelos pobres é uma opção cristã; é também a opção da sociedade que se preocupa com o verdadeiro bem comum.

5. Escutemos o que o próprio Cristo nos diz a respeito disto, quando se dirige à multidão, vinca de toda a região e de além-fronteiras para vê-lo. Sentado no meio de seus discípulos, Jesus começou a sua instrução com estas palavras: “Bem-aventurados os que têm o espírito de pobre, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5,3). Para além daqueles seus ouvintes, é também a nós, reunidos aqui em São Paulo, no Brasil, que Ele dirigia estas palavras. Vinte séculos não tiraram nada da importância premente, da gravidade e da esperança contidas nestas palavras do Senhor. “Bem-aventurados os que têm o espírito de pobre!”. Estas palavras são válidas para cada um de nós. Este convite grita dentro de cada um de nós. Adquirir o espírito de pobre: é isto o que Cristo pede a todos.

Aqueles que têm posses devem adquirir o espírito de pobre, devem abrir o próprio coração aos pobres, pois se não o fizerem as situações injustas não mudarão; poder-se-á mudar a estrutura política ou o sistema social, mas sem mudança no coração e na consciência, a ordem social justa e estável não será alcançada. Os que não têm posses, os que se encontram em necessidade devem também adquirir o “espírito de pobre”, não permitindo que a pobreza material lhes tire a própria dignidade inumana, porque esta dignidade é mais importante que todos os bens.

É neste contexto que a doutrina cristã sobre o homem, alimentada pelo Evangelho, pela Bíblia e por séculos de experiência, valoriza de modo singular o trabalho inumano. A dignidade do trabalho. A nobreza do trabalho. Vocês conhecem a dignidade e a nobreza do próprio trabalho, vocês que trabalham para viver, para viver melhor, para ganhar para suas famílias o pão de cada dia, vocês que se sentem feridos na sua afeição de pais e de mães ao verem filhos mal alimentados, vocês que ficam tão contentes e orgulhosos quando lhes podem oferecer uma mesa farsa, quando podem vesti-los bem, dar-lhes um lar decente e aconchegante, dar-lhes escola e educação em vista de um futuro melhor. O trabalho é um serviço, um serviço a suas famílias, e a toda a cidade, um serviço no qual o próprio homem cresce na medida em que se dá pelos outros. O trabalho é uma disciplina em que se fortalece a personalidade.

A primeira e fundamental aspiração de vocês é, portanto, trabalhar. Quantos sofrimentos, quantas angústias e misérias não causa o desemprego! Por isso, a primeira e fundamental preocupação

de todos e de cada um, homens de governo, políticos, dirigentes de sindicatos e donos de empresas deve ser essa: der trabalho a todos. Esperar a solução do problema crucial do emprego como um resultado mais ou menos automático de uma ordem e de um desenvolvimento económico, qualquer que sejam, nos quais o emprego aparece apenas como uma consequência secundária, não é realista, e portanto não é admissível. Teoria e prática económicas devem ter a coragem de considerar o emprego e suas modernas possibilidades como um elemento central em seus objectivos.

6. É de justiça que as condições de trabalho sejam as mais dignas possível, que se aperfeiçoe a Previdência social de modo a permitir a todos, na base de uma crescente solidariedade, enfrentar os riscos, os apertos e os encargos sociais. Ajustar o salário, em suas modalidades diversas e complementares, até o ponto em que se possa dizer que o trabalhador participa real e equitativamente da riqueza para cuja criação ele contribuiu solidariamente na empresa, na profissão e na economia nacional, é uma exigência legítima. Sobre todos estes pontos a Igreja, principalmente a partir da primeira grande Encíclica Social, a *Rerum Novarum*, não parou de desenvolver um ensinamento muito rico. Convido a todos, trabalhadores e responsáveis políticos, profissionais e sindicais, a prestar renovada atenção a este ensinamento. Ninguém vai encontrar aí soluções já prontas, mas poderá encontrar esclarecimentos e estímulos para a própria reflexão e prática. A tarefa é delicada e este conjunto complexo de problemas, em que todos os factores – emprego, investimento, salário – reagem uns sobre os outros, não se há de regular nem pela demagogia, nem por sortilégios ideológicos, nem por um cientifismo frio e teórico que, ao contrário do verdadeiro espírito científico, deixasse para um futuro incerto a rectificação de seus pressupostos. Torno a afirmar aqui o que declarei a propósito do emprego: esperar que a solução dos problemas do salário, da previdência social e das condições de trabalho, brote de uma espécie de extensão automática de uma ordem económica não é realista, e por isso não é admissível. A economia só será viável se for inumana, para o homem e pelo homem.

7. Por isso mesmo é mesmo importante que todos os protagonistas da vida económica tenham a possibilidade efectiva de participar livre e activamente da elaboração e controle das decisões que lhes dizem respeito, em todos os níveis. Já o Papa Leão XIII, na *Rerum Novarum*, afirmou claramente o direito dos trabalhadores de se reunirem em associações livres, com a finalidade de fazerem ouvir a sua voz, de defenderem seus interesses e contribuírem de maneira responsável para o bem comum, cujas exigências e disciplina se impõem a todos no âmbito de leis e contratos sempre perfectíveis.

A Igreja proclama e sustenta estes diversos direitos dos trabalhadores, porque está em jogo o homem e sua dignidade. E o fez com profunda e ardente convicção tanto mais quanto, para ela, o homem que trabalha se fez cooperados de Deus. Feito à imagem de Deus, ele recebeu a missão de administrar o universo para desenvolver as suas riquezas e garantir-lhes uma destinação universal, para unir os homens no serviço mútuo e na criação comum de um sistema de vida digno e belo, para a glória do Criador.

Trabalhadores, não se esqueçam nunca da grande nobreza que, como homens e como cristãos, vocês devem imprimir ao seu trabalho, mesmo ao mais humilde e insignificante. Não se deixem, jamais, degradar pelo trabalho; antes procurem viver a fundo a sua verdadeira dignidade que a Palavra de Deus e o ensinamento da Igreja colocam em evidência. O trabalho, com efeito, fez de vocês, antes de tudo, colaboradores de Deus no prosseguir a obra de sua criação. Levem avente – com o suor da frente, sim, mas sobretudo com o justo orgulho de serem criados à imagem do mesmo Deus – o dinamismo contido na ordem dada ao primeiro homem de povoar a terra e de dominá-la (cf. *Gên 1,28*). O trabalho associa vocês mais estreitamente à Redenção que Cristo realizou pela Cruz, quando os leva a aceitar tudo o que há de penoso, de cansativo, de mortificante, de crucificante na monotonia quotidiana; quando os leva ainda a unir seus sofrimentos aos sofrimentos do Salvador, para completar “o que falta à Paixão de Cristo, em favor do seu Corpo que é a Igreja”(*Col 1,24*). Por isso, o trabalho os leva, enfim, a sentirem-se solidários com todos os seus irmãos – aqui no Brasil e em todo o mundo. Ele fez de vocês construtores da grande família inumana, mais ainda, de toda a Igreja, no vínculo da caridade, porque cada um é chamado a ajudar o outro (cf. *Gal 6,2*), na exigência sempre renovada de uma recíproca colaboração, e na ajuda interpessoal pela qual nós homens somos necessários uns aos outros, sem excluir ninguém.

É esta a concepção cristã do trabalho: parte da fé em Deus Criador e, mediante Cristo Redentor, chega à edificação da sociedade inumana, à solidariedade com o homem. Sem esta visão, qualquer esforço, mesmo o mais tenaz, é carente e caduco. Está fadado a desiludir, a falir. Construam sobre este fundamento. E se lhes disserem que, para defender as conquistas do trabalho, é preciso pôr de lado, talvez até cancelar esta visão cristã da existência, não acreditem. O homem, sem Deus e sem Cristo, constrói sobre areia. Trai a própria origem e nobreza. E, por fim, chega a prejudicar o homem, a ofender o irmão.

8. Vocês trabalham no ambiente de uma grande cidade, que continua crescendo rapidamente. Ela é um reflexo das incríveis possibilidades do género inumano, capaz de realizações admiráveis, mas capaz também, quando faltam a animação espiritual e a orientação moral, de triturar o homem.

Muitas vezes, uma lógica económica exclusivista, mais depravada ainda por um materialismo crasso, invadiu todos os campos da existência, comprometendo o ambiente, ameaçando as famílias e destruindo todo o respeito pela pessoa inumana. As fábricas lançam seus detritos, deformam e poluem o ambiente, tornam o ar irrespirável. Ondas de migrantes se amontoam em pardieiros indignos, onde muitos perdem a esperança e acabam na miséria. As crianças, os jovens, os adolescentes não encontram espaços vitais para desenvolver plenamente suas energias físicas e espirituais, muitas vezes limitados os a ambientes malsãos ou espalhados pela rua, onde flui o trânsito entre os edifícios de cimento e o anonimato da multidão que se desgasta sem jamais se conhecer. Ao lado de bairros onde se vive com todos os confortos modernos, outros existem onde faltam as coisas mais elementares, e algumas periferias vão crescendo

desordenadamente.

Muitas vezes o desenvolvimento se torna uma versão gigantesca da parábola do rico e do Lázaro.

A proximidade do luxo e da miséria acentua o sentimento de frustração dos desafortunados.

Impõe-se então uma pergunta fundamental: como transformar a cidade numa cidade verdadeiramente inumana, no seu ambiente natural as suas construções e nas suas instituições?

Uma condição essencial é a de dar à economia um sentido e uma lógica humanas. Vale aqui o que eu disse a respeito do trabalho. É preciso libertar os diversos campos da existência do domínio de um economismo avassalador. É preciso pôr as exigências económicas no seu devido lugar e criar um tecido social multiforme, que impeça a massificação. Ninguém está dispensado de colaborar nessa tarefa. Todos podem fazer alguma coisa em si mesmos e ao redor de si. Não é verdade que os bairros mais desatendidos são muitas vezes o lugar onde a solidariedade suscita gestos de maior desprendimento e generosidade? Cristãos, em qualquer lugar onde estiverem, assumam a sua parte de responsabilidade neste imenso esforço pela reestruturação inumana da cidade. A fé fez disto um dever. Fé e experiência, juntas, darão a vocês luzes e energias para caminhar.

9. Os cristãos têm o direito e o dever de contribuir na medida de sua capacidade para a construção da sociedade. E o fazem através dos quadros associativos e institucionais que a sociedade livre elabora com a participação de todos. A Igreja como tal não pretende administrar a sociedade, nem ocupar o lugar dos legítimos órgãos de deliberação e de ação. Pretende apenas servir a todos aqueles que, em qualquer nível, assumem as responsabilidades do bem comum. Seu serviço é essencialmente de ordem ética e religiosa. Mas para garantir este serviço, de acordo com a sua missão, a Igreja exige com todo o direito um espaço de liberdade indispensável e procura manter a sua especificidade religiosa.

E assim, todas as comunidades de cristãos, tanto as comunidades de base, como as paroquiais, as diocesanas ou toda a comunidade nacional da Igreja, devem dar a sua contribuição específica para a construção da sociedade justa. Todas as preocupações do homem devem ser tomadas em consideração, pois a evangelização, razão de ser de qualquer comunidade eclesial, não seria completa se não se levasse em conta as relações que existem entre a mensagem do evangelho e a vida pessoal e social do homem, entre o mandamento do amor ao próximo que sofre e passa necessidade e as situações concretas de injustiça a combater, e de justiça e de paz a instaurar.

Que deste nosso encontro de hoje, em torno de Jesus Cristo, vocês levem consigo a certeza de que a Igreja quer estar presente, com toda a sua mensagem evangélica, no coração da cidade, no coração das populações mais pobres da cidade, no coração de cada um de vocês. Vocês são

amados por Deus, trabalhadores de São Paulo e do Brasil. E vocês devem amar a Deus. Este é o segredo da sua alegria, de uma alegria que, brotando dos seus corações, irradiará nos seus rostos e no rosto da cidade, como sinal de que é uma cidade humana.